

**“A tradicional família pré-histórica”:
ensaio analítico a partir do diálogo entre museologia,
arqueologia e crítica feminista**

**The ‘Traditional Prehistoric Family’:
an analytical essay based on the dialogue
between museology, archaeology, and feminist critique**

Camila Azevedo de Moraes Wichers¹

DOI 10.26512/museologia.v14i28.60448

Resumo

Historicamente, a prática arqueológica e os museus estão imbricados com o patriarcado capitalista de supremacia branca. Nesse ensaio, examino como essa herança está marcada em discursos museais e educacionais devotados a divulgar a arqueologia para um público amplo. Inserido em uma pesquisa de longo-termo, o texto organiza-se em dois eixos: primeiramente, sistematiza as bases teóricas-metodológicas trabalhadas em outras escritas para, em um segundo momento, analisar como um certo ideal de família está marcado nas referidas narrativas museais e patrimoniais, ideário que se torna combustível para os discursos normativos da extrema direita no mundo contemporâneo. A museologia social, a arqueologia feminista e, em especial, os feminismos negros são as inspirações teóricas do ensaio, demonstrando que as coisas arqueológicas, nas narrativas examinadas, são interpretadas a partir da reprodução das noções de gênero e sexualidade da sociedade moderna e ocidental, não refletindo as relações pretéritas, ainda que esse passado seja instrumentalizado como argumento de autoridade no presente.

Palavras-chave:

Museologia; Arqueologia; gênero; crítica feminista; família.

Abstract

Historically, archaeological practice and museums have been intertwined with capitalist patriarchy and white supremacy. In this essay, I examine how this legacy is marked in museum and educational discourses devoted to disseminating archaeology to a wide audience. Part of a long-term research project, the text is organized around two axes: first, it systematizes the theoretical and methodological foundations developed in other writings in order to then analyze how a certain ideal of family is marked in these museum and heritage narratives, an ideology that fuels the normative discourses of the extreme right in the contemporary world. Social museology, feminist archaeology, and, in particular, black feminisms are the theoretical inspirations for the essay, demonstrating that archaeological objects, in the narratives examined, are interpreted based on the reproduction of notions of gender and sexuality in modern Western society, not reflecting past relationships, even though this past is instrumentalized as an argument of authority in the present.

Keywords

Museology; Archaeology; Gender; Feminist criticism; Family.

¹ Docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e coordenadora do Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da USP. Arqueóloga e museóloga, é pesquisadora CNPq - Nível 2 e professora no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFG. Tem interesse nos temas: políticas da memória, museologia social e musealização da arqueologia, inspirada pela crítica feminista da ciência. Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1268440854810735> Orcid: 0000-0002-8996-7183. Contato: camila.a.moraes@usp.br

Palavras iniciais

Em 25 de outubro de 2024, ministrei uma palestra no âmbito dos Seminários Avançados em Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB)². O objetivo dos seminários era comemorar os quinze anos de criação do Curso de Museologia evidenciando seu caráter interdisciplinar, motivo pelo qual o convite direcionado a mim propunha um diálogo entre museologia, arqueologia e gênero, um tema emergente no campo museológico contemporâneo, ao qual tenho me dedicado há quase uma década. O título da palestra foi “Coisas arqueológicas, museologia e crítica feminista da ciência”. Para essa escrita, selecionei um dos fios da palestra, que partiu de uma cena de mais de 3 milhões de anos, musealizada no Museu Americano de História Natural (MAHN). Ao longo do texto, esse caso é utilizado como mote para a discussão de três eixos de representação do passado, integrados na construção de um certo ideal de família: um primeiro, que denomino como “rituais de conquista”, um segundo como “o macho provedor e a mulher dependente” e um terceiro que nomeio como “maternidade como destino”. Não obstante, antes de abordar o cerne do artigo, retomarei algumas das premissas e bases teóricas-metodológicas que orientam essa reflexão, inserida em um projeto de pesquisa de longo-termo.

“Onde meus pés estão plantados”

Gloria Anzaldúa (1991/ 2017) afirmava que escrevemos do lugar onde nossos pés estão plantados, nosso ponto de vista. Esse texto se alimenta do meu trânsito entre a Museologia e a Arqueologia, além de nutrir-se dos feminismos negros e de outros saberes indisciplinados³. Começo, então, explicitando a compreensão que tenho acerca dos campos museológico e arqueológico, espaços e práticas de saber/ poder.

Entendo a arqueologia como uma prática devotada ao exame das coisas produzidas, utilizadas, ofertadas e/ou descartadas e continuamente modificadas pela ação humana, envolvendo processos econômicos, socioculturais e simbólicos.

Essa simples assertiva pode ser compreendida como uma busca de evidências de um passado distante, classificadas de forma asséptica e inseridas no campo patrimonial e museal, ou, como prefiro pensar, como uma leitura das relações entre humanos e não humanos a partir de corpos, coisas e paisagens (Moraes Wichers, 2017: 40).

É o olhar arqueológico e o discurso que nomeia as materialidades que as tornam coisas arqueológicas, extrapolando a noção de patrimônio arqueológico selecionado por especialistas e chancelado pelo Estado. A noção de narrativa arqueológica é cara a essa proposta e tem sido esmiuçada para denominar os discursos que têm como principal “matéria-prima” os restos e rastros das pessoas e sociedades do passado recuado ou contemporâneo, as corporalidades e as marcas na paisagem. Se em outros momentos demarquei uma distinção entre “narrativas arqueológicas” e “narrativas comunitárias”, tenho observado que tal

2 Os Seminários foram uma iniciativa do Curso de Museologia com o apoio técnico e científico do Grupo de Pesquisa Museologia, Patrimônio e Memória (CNPq) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB.

3 Para uma breve explicitação da minha posicionalidade ver Moraes Wichers, 2018 e 2025.

“A tradicional família pré-histórica”:

ensaio analítico a partir do diálogo entre museologia, arqueologia e crítica feminista

distinção estabelece assimetrias, motivo pelo qual tenho investido em borrar essas separações (Moraes Wichers, 2025).

Por sua vez, a museologia estuda o fato museológico, conceito elaborado por Waldisa Rússio (1984), e que tenho revisitado partir de uma perspectiva informada pela crítica feminista. Em 2018, propus, pela primeira vez, que o fato museológico é a relação profunda entre pessoas, coisas e espaços, tendo como eixo definidor a constituição de memórias (Moraes Wichers, 2018). As “pessoas” são as comunidades, os coletivos e a sociedade, mas também cada um nós, ao selecionarmos aspectos da realidade como constituintes da memória, visando agir no mundo. No lugar de “objeto”, proponho o uso de “coisa”, ou seja, tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea, envolvendo não apenas seres inanimados, mas também animados. Por sua vez, a noção de espaço socialmente constituído é cara a essa reelaboração e marca os movimentos de renovação da museologia, ampliando o cenário do fato museal do “edifício”, para os espaços comunitários e territórios de intervenção. Por fim, a inserção na memória no cerne do fato museológico talvez seja o traço mais marcante da referida proposta (Moraes Wichers, 2018). Proposta que se inspira na premissa de Cristina Bruno de que a memória é a matéria prima a partir da qual a Museologia estabelece sua cadeia operatória de procedimentos técnicos e a sua função (Bruno, 2000).

Nesse sentido, proponho três eixos de reflexão-ação para a aproximação entre coisas/ narrativas arqueológicas e a museologia, a partir da crítica feminista:

- 1) A arqueologia constrói representações sobre o passado que atuam do/no presente: cabe nos indagarmos sobre os efeitos dos discursos da arqueologia no mundo contemporâneo, em especial, os discursos museais, patrimoniais e educativos, que atingem um público amplo;
- 2) A arqueologia pode ser uma ferramenta útil para a leitura das materialidades do/no presente: a noção dilatada de coisa arqueológica pode ser interessante para o exercício de leitura do mundo que vivemos, em especial, nos auxiliando a pensar em como o gênero e a sexualidade são materialmente constituídos e como as opressões têm bases materiais;
- 3) A interface arqueologia-museologia pode ser um percurso para a construção de novas narrativas e ficções da memória: ao entrelaçarmos os campos da arqueologia e da museologia podemos pensar em processos de musealização que evidenciem outras formas de organização social, por exemplo, do gênero e da sexualidade ao longo do tempo, evidenciando o caráter normativo da sociedade moderna ocidental.

No que concerne à crítica feminista da ciência, parto da constatação de que estamos inseridas em um regime onde impera o patriarcado capitalista de supremacia branca, sendo o feminismo um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, como nos ensinou bell hooks (2018). Essa escrita é, assim, inspirada pelos feminismos negros, com especial atenção à interseccionalidade e à decolonialidade. Enquadra-se também em uma perspectiva cara às autoras feministas da filosofia da ciência, assim

a sua prática é feminista se as questões de pesquisa nas quais você se engaja são animadas por compromissos ativistas. As questões que você escolhe para trabalhar devem ser relevantes para a vida das mulheres e das minorias. São questões sobre sistemas de desigualdade social que, se respondidas, fornecerão as fontes necessárias para efetivamente lidar com a injustiça social (Wylie, 2014: 565).

Para esse texto, selecionei as formas pelas quais um determinado ideal de família tem se perpetrado em exposições, materiais educativos e produções de divulgação da arqueologia, em um amplo senso, privilegiando o primeiro eixo de reflexão-ação, aludido anteriormente.

Do presente para o passado: dos “rituais de conquista” à “maternidade como destino”

Cerca de 3,7 milhões de anos atrás. Um casal de hominídeos *Australopithecus afarensis* caminham lado a lado, o homem, de estatura maior, repousa o braço sobre a mulher, em um gesto de proteção.

Figura 1. Cena reconstruída a partir das “Pegadas de Laetoli” no Hall das Origens Humanas Anne e Bernard Spitzer do Museu Americano de História Natural (MAHN)



Fonte: Foto de VSmithUK, Flickr (2009), sob licença CC BY 2.0. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/vsmithuk/3146351224>. Acesso em: 15 nov. 2025.

A cena reconstrói o contexto das “Pegadas de Laetoli”, no Hall das Origens Humanas Anne e Bernard Spitzer do Museu Americano de História Natural (MAHN), em Nova York. Conforme pretendo mostrar, esse discurso tem forte ressonância em outros exemplos de musealização da arqueologia ao redor do mundo. Entretanto, quais os elementos científicos que dão sustentação a essa cena?

Passemos a alguns dados acerca do contexto arqueológico que inspirou a referida cena de musealização no MAHN. As pegadas foram encontradas em 1976, pela equipe da pesquisadora Mary Leakey, em Laetoli, norte da Tanzânia, numa camada de cinzas cimentadas produzida por uma erupção vulcânica. Lae-

toli é uma das localidades paleontológicas mais importantes da África. Situa-se dentro da Área de Conservação de Ngorongoro, na Tanzânia. A região inclui sítios como o Desfiladeiro de Olduvai e o Lago Ndutu. Em 1978, foi localizada a trilha de 88 pés e 27 metros de extensão, atualmente conhecida como “Pegadas de Laetoli”. Acredita-se que estas pegadas foram feitas por três membros de homínídeos e atribuídas, não sem controvérsia, ao *Australopithecus afarensis* (Masao et al, 2016) - a mesma espécie da famosa “Lucy” da Etiópia – há cerca de 3,66 milhões de anos.

A cena em questão trata-se de uma reconstrução das pegadas encontradas em 1978 no Sítio G (Localidade 8) e foram atribuídas a três indivíduos (G1, G2, G3) de tamanhos corporais diferentes: o menor indivíduo, G1, caminhava ao lado à esquerda do maior indivíduo, G2, enquanto o indivíduo de tamanho intermediário, G3, sobrepunha seus pés aos de G2 (Leakey, 1981; Masao et al, 2016).

A descoberta de Laetoli têm sido objeto de uma infinidade de interpretações e ilustrações amplamente disseminadas ao público, como a musealização no MAHN, desde o trabalho de Mary Leakey, forjando cenários que pouco expressam os resultados das pesquisas, o que fica evidente a partir da cena apresentada na Figura 1, com a presença de apenas duas pessoas, representadas como um casal a partir do olhar moderno ocidental. O terceiro indivíduo (G3), como vimos, não compõe a cena musealizada. A reconstrução no MNHN baseia-se no fato de que alguns pesquisadores, fundamentados na ideia de “dimorfismo sexual”⁴ propuseram a hipótese de que se trataria de um casal. Afinal, as pegadas de quem caminhou do lado esquerdo são menores. No entanto, poderia tratar-se de um jovem e um adulto também, o que remete a um marcador geracional.

Em 2015, outra equipe encontrou pegadas de mais dois indivíduos, referidos como S1 e S2, sendo que os resultados indicaram como uma possível conclusão provisória, que os vários indivíduos representados em Laetoli seriam: S1, um macho; G2 e S2, fêmeas; G1 e G3, fêmeas menores ou indivíduos juvenis (MASAO et al, 2016). Dessa forma, os indivíduos das pegadas encontradas na década de 1970 (G1, G2 e G3), seriam fêmeas e/ou pessoas jovens. Algo bem distante do que foi musealizado no MAHN.

Para Masao et al (2016), o registro de pegadas bípedes em Laetoli (no Sítio G e o novo Sítio S) pode abrir uma janela para o comportamento de um grupo de ancestrais humanos remotos, vislumbrando um cenário no qual pelo menos cinco indivíduos (G1, G2, G3, S1 e S2) estavam caminhando no mesmo período, na mesma direção e a uma velocidade moderada semelhante. Este aspecto deve ser avaliado em associação com a acentuada variação no tamanho corporal dentro da amostra, o que implica diferenças marcantes entre as faixas etárias e um grau considerável de “dimorfismo sexual” em *Australopithecus afarensis*. Implicações significativas sobre a estrutura social desta espécie de homínídeo basal derivam dessas características físicas e comportamentais, sugerindo que as estratégias reprodutivas e a estrutura social entre pelo menos alguns dos primeiros homínídeos bípedes eram mais próximas de um modelo semelhante ao do gorila do que ao dos chimpanzés ou dos humanos modernos. Richmond

4 Utilizarei a expressão “dimorfismo sexual” entre aspas, uma vez que se trata de um termo encontrado nas referências utilizadas. Como pontuado em diversos textos, a arqueologia brasileira ainda é marcada pelos discursos do dimorfismo e binarismo, “taxonomias construídas socialmente para fins políticos” (Furquim; Jácome, 2019), que tomam o biológico como destino. Ou seja, a utilização da expressão não pode ser realizada sem um amplo debate acerca de seus significados no presente.

e Jungers (1995, *apud* Masao et al, 2016) também apontam que uma estrutura estritamente monogâmica seria altamente improvável para o *Australopithecus afarensis*.

Compreendo que os processos de musealização “consolidam e enriquecem os papéis e lugares de mulheres e homens e de suas identidades nas dinâmicas de construção da memória” (Oliveira; Queiroz, 2017: 65), sendo informados por nossas ideias e crenças acerca das relações sociais e simbólicas. O exemplo da musealização das “Pegadas de Laetoli” deixa evidente que a musealização da arqueologia está, na maioria das vezes, impregnada de um acentuado presentismo.

Obviamente, que a musealização da arqueologia envolve uma seleção, uma escolha de qual narrativa arqueológica trazer para o público. Quando trago para o debate a pesquisa de Masao et al (2016), mais recente, não desconsidero o fato de que estudos anteriores podem ter influenciado a reconstrução realizada pelo MAHN, nem tampouco busco um “fato inequívoco” (Ribeiro, 2017). As narrativas construídas pela prática científica da arqueologia são uma fonte importante da musealização da arqueologia, que tende a traduzir o que a pesquisa acadêmica produz, para um público maior, mas a ciência está sempre em movimento e o museu poderia ser um cenário onde distintas narrativas fossem colocadas em diálogo.

Contudo, a cena musealizada vai ao encontro da assertiva de Marylène Patou-Mathis: “As representações da família pré-histórica imitam o modelo ideal de família do século XIX ocidental: nuclear, monogâmica e patriarcal” (Patou-Mathis, 2022: 21). O que resta evidente é que a cena da Figura 1 pauta-se muito mais nas crenças do presente do que em dados arqueológicos, constituindo-se em uma ficção da heterossexualidade compulsória, projetando um certo tipo de casal e, por conseguinte, de família, para hominídeos que viveram há cerca de 3,7 milhões de anos!

Corta para o Memorial do Cerrado, no município de Goiânia, estado de Goiás. Na exposição nos deparamos com a reprodução da mesma imagem advinda da reconstrução das “Pegadas de Laetoli”:

Figura 2. Crânios de primatas junto a uma réplica de crânio humano em uma vitrine e acima dela um painel com representação de animais da chamada “megafauna” e cenas de “humanos primitivos”. Na parte inferior direita é replicada a cena de um casal de hominídeos fazendo as famosas pegadas de Laetoli.



Fonte: Foto de Mateus Martins, 2024

O Memorial do Cerrado foi inaugurado em 1999, vinculado ao Instituto Trópico Subúmido da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (ITS/ PUC-Goiás). A instituição traça uma narrativa cronológica “desde a origem do planeta Terra à chegada dos portugueses ao Brasil” (Its, 2023). Essa narrativa, onde inserem-se as materialidades e histórias construídas pela arqueologia, reproduz esquemas tipológicos, com objetos classificados em categorias rígidas e que remetem a um tempo linear dirigido ao “progresso”. Chama a atenção o uso de uma imagem que reconstrói uma cena de mais de 3 milhões de anos, um contexto temporalmente e espacialmente diverso da realidade onde insere-se o Memorial. Não obstante, a busca por uma narrativa totalizante e linear da “pré-história” da humanidade está na base dessa musealização.

Convém abriremos um parêntese para especificar o uso do termo “pré-história”. Como apontei em outro momento (Moraes Wichers, 2020), os enredos da colonialidade buscam demarcar um tempo linear⁵, assim, o uso da expressão “pré-história” virá sempre acompanhado de aspas, remetendo ao fato de que as autorias utilizam tal termo. No caso do contexto europeu, cabe indicar a existência de um campo de estudos denominado como “pré-história”, o que justifica o seu uso, com o intuito de demarcar o campo de estudos. Patou-Mathis (2022: 33) ao abordar o contexto histórico e intelectual do surgimento da “pré-história” enquanto disciplina científica, ressalta que os primeiros estudos foram moldados pelo meio em que os pesquisadores viviam, uma sociedade ocidental herdeira da tradição judaico-cristã e greco-romana, na qual as mulheres são vistas como inferiores.

As representações do passado em instituições museais e de memória que abordam a arqueologia projetam uma determinada norma de gênero (mulher: frágil: protegida e homem: forte: protetor) e de sexualidade (casal heterossexual e reprodutor), o que resulta em um ideal de família nuclear, monogâmica e heterocentrada, construído no presente e lançado ao passado sem nenhum fundamento científico. Dessa forma, machos são representados como fortes, ativos, agressivos e dominantes, enquanto fêmeas são apresentadas como fracas, passivas e dependentes (Conkey & Spector, 1984: 04).

O patriarcado capitalista de supremacia branca está imbricado com um projeto de escrita de uma “pré-história alicerçada nos pressupostos de inferioridade e sexualização como características biológicas das mulheres” (Xavier, 2022: 9).

Destacarei três eixos de representação integrados a construção de um certo ideal de família, recorrentes em narrativas que envolvem a arqueologia. Um primeiro, que denomino como “rituais de conquista”, um segundo como “o macho provedor e a mulher dependente” e um terceiro “maternidade como destino”.

Os “rituais de conquista” envolvem imagens que reiteram a violência de gênero como tática de conquista na formação dos casais heterocentrados. Ainda que ausentes nas narrativas museais, essas imagens são abundantes em histórias em quadrinhos e materiais audiovisuais direcionados para um público amplo.

5 Anne McClintock (2010), ao criticar o “pós-colonialismo”, afirma que tanto o prefixo “pós” como o “pré” confere ao colonialismo o status de história propriamente dita, assim “outras culturas compartilham apenas uma relação preposicional a uma era eurocêntrica que acabou (pós) ou que ainda nem começou (pré)” (McClintock, 2010: 30).

Um homem arrasta a mulher pelos cabelos. Para onde ele a carrega à força? Rumo a um passado imemorial no qual as relações entre os sexos se baseiam em relações de dominação, em que o estupro, o rapto e a brutalidade são a norma. Essa visão, que modelou nosso imaginário até os dias de hoje, coloca a selvageria no centro das sociedades pré-históricas (Patou-Mathis, 2022: 22).

Nesse sentido, embora materiais de divulgação da arqueologia não sejam necessariamente produzidos com envolvimento de profissionais e acadêmicos, refletem a forma como a arqueologia e a “pré-história” compõem um certo imaginário coletivo. Destarte, há um interesse público crescente a respeito de nossas interpretações do passado, sendo que a “cultura popular”, nos termos de Kelley Hays-Gilpin e David S. Whitley (1998: 4) busca justificar o presente com reconstruções do passado.

Figura 3. (A) Recorte da HQ “Uma Pré-História do Amor” que traz uma imagem bastante recorrente quando se trata de representações de casais na “pré-história”, onde mulheres são alvo de pauladas e arrastadas pelos cabelos pelos “machos”; (B). Frame do audiovisual “Komum” mostrando o momento em que o personagem principal utiliza a violência como meio de “conquista”, nesse caso a mulher responde também com violência; (C) e (D) Frames do audiovisual “In the rough”. O primeiro frame mostra o momento em que o “macho” presenteia a mulher com um diamante bruto, o segundo mostra ela arrastando-o pelos cabelos para a caverna.



Fonte: (A) “Uma Pré-história do amor” de Maurício Rett (1994) Disponível em: <http://www.cartunista.com.br/prehistoria.html>. Acesso em: 15 nov. 2025; (B) “Komum” de Diego K. Amorim, 4’ (2010) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sttIOcwB3IE&rco=1>. Acesso em: 15 nov. 2025; (C) “In the rough” 4:50’ (2005) do Blur Studio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFykQE8ge7I&list=LLb2zRZY8UUYwYSLOtPNiVVVQ&index=20&t=13s>. Acesso em: 15 nov. 2025

Hays-Gilpin e Whitley (1998: 5) afirmam que a imagem de um homem das cavernas arrastando uma mulher pelos cabelos é uma ficção acerca do passado para justificar o presente. Em outro momento, fiz uma análise mais pormenorizada da história em quadrinhos “Uma Pré-História do Amor” (Moraes Wichers, 2019), motivo pelo qual me ateno no presente ensaio a enquadrá-la como exemplo de uma representação persistente.

Por sua vez, os audiovisuais indicados, também examinados anteriormente (Moraes Wichers, 2019), são aqui retomados para evidenciar como o fato de a mulher revidar o comportamento violento do homem ou mesmo a inversão de papéis, quando é ela que o arrasta pelos cabelos, não soluciona o problema. Quando falamos de crítica feminista não estamos demandando pela inversão de papéis, mas pela construção de um mundo mais justo e equitativo para todas as pessoas.

“A tradicional família pré-histórica”:

ensaio analítico a partir do diálogo entre museologia, arqueologia e crítica feminista

No caso dos materiais audiovisuais, ainda que elaborados sem a contribuição de especialistas, acabam sendo utilizados em ações educativas de divulgação da arqueologia, mais precisamente, nas denominadas ações de educação patrimonial. Marina Neiva Oliveira (2021) fez um levantamento de projetos disponíveis para acesso público por meio do Sistema Eletrônico de Informações - SEI! do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, identificando o uso dos vídeos “*Komum*” e “*In the rough*” em ações educativas. A autora não encontrou informações acerca do uso crítico destas mídias, adotadas apenas como ferramentas ilustrativas em projetos elaborados e conduzidos por equipes de arqueologia.

Passando ao segundo eixo “o macho provedor e a mulher dependente”, trata-se da narrativa mais recorrente em exposições e materiais de divulgação da arqueologia (ver Moraes Wichers, 2019). É incrível a persistência dessa narrativa, onde as principais atividades de subsistência do grupo são realizadas pelos homens, ainda que sem respaldo em evidências científicas. Trago, como exemplo, um livro publicado recentemente e dedicado ao público infanto-juvenil, intitulado “Vamos falar sobre Arqueologia?” (Perazzo; Cisneiros, 2025). Produzido por arqueólogas e com o auxílio de um ilustrador, o livro é composto por histórias em quadrinhos. Na história “Os temas da arqueologia”, temos a seguinte cena:

Figura 4. Recorte da história “Os temas da arqueologia”. Na cena um homem chega a um abrigo levando uma caça, enquanto uma mulher, que carrega um pote de barro, o aguarda na entrada. Também é possível identificar personagens pescando e realizando coletas de frutas e ovos.



Fonte: Perazzo; Cisneiros, 2025

Interessante apontar que o livro “Vamos falar de Arqueologia?” é muito cuidadoso em diversas questões, como a representatividade de mulheres negras, como professora e arqueóloga, por exemplo, e inserção de pessoas com deficiência. As autoras salientam que o livro tem um direcionamento científico, sem renunciar ao entretenimento e ao compromisso da educação (Perazzo; Cisneiros, 2025). Não obstante, ainda é possível identificar a reprodução de estereótipos como o do homem provedor. Nessa família, as funções “femininas” seriam a reprodução, a educação dos filhos, a colheita e a cozinha (Patou-Mathis, 2022: 21).

Esse tipo de narrativa corrobora o quadro trazido por Barbara Voss no que concerne a produção do conhecimento arqueológico:

a maioria das pesquisas arqueológicas publicadas atualmente ainda assume noções binárias de gênero e heterossexualidade normativa. Às vezes, quando recebo um novo número de revista acadêmica ou livro e vejo esses estereótipos prejudiciais sendo repetidos de novo e de novo, fico bastante irritada. Após tanta pesquisa feminista cuidadosa, é perturbador que alguns editores de revistas e livros ainda estejam imprimindo pesquisas arqueológicas que reproduzem as normas sexuais hegemônicas (Voss, 2018: 195).

Um último eixo recorrente nessas representações é a maternidade e o cuidado com as crianças como destino das mulheres. Obviamente, esse eixo está intrinsecamente ligado ao anterior, com a aplicação de papéis de gênero da sociedade ocidental branca, heterocentrada e de camadas medianas, para outros contextos históricos e culturais.

Figura 5. (A) Exposição Formas da Humanidade (MAE/USP), com a representação de atividades cotidianas de caçadores-coletores do interior. Enquanto os homens são representados com as atividades de pesca e produção de ferramentas, as mulheres cuidam dos afazeres domésticos: cozinhar e cuidar das crianças; (B) Memorial Serra da Mesa: reconstrução de gruta com arte rupestre, onde os homens produzem a arte rupestre e as ferramentas, as mulheres cuidam das crianças.



Fonte: (A) MAE/USP, 2008; (B) Foto de Luciana Alves (2011).

Patou-Mathis (2022) demonstra como a construção das mulheres no Ocidente as inseriu como predestinadas à maternidade. É essa autora que aponta que o discurso sobre as mães como seres que possibilitam a reprodução da civilização cristã, tem sido retomado inúmeras vezes pelos movimentos de extrema direita e pelos nacionalistas, a exemplo do Regime de Vichy (Patou-Mathis, 2022: 69).

Raramente, as funções de procriação e criação das crianças são representadas de forma a destacar sua importância na manutenção dos clãs, nem mesmo é apontado como é sensato pensar que essas sociedades tenham sido matrilineares (Patou-Mathis, 2022: 183). Ademais, não é problematizado o fato de que nos últimos séculos, o trabalho feminino do cuidado, não remunerado, oportunizou a exploração do capital (Federici, 2019).

Barbara Voss também afirma como a arqueologia contribuiu para a naturalização da heterossexualidade e as hipóteses de que as “famílias” eram sempre lideradas por um casal heterossexual, negando a contingência histórica da sexualidade, incluindo a heterossexualidade (Voss, 2018). Nesse sentido, cabe o diálogo, mais uma vez, com a obra de Patou-Mathis, quando a autora aponta que:

“A tradicional família pré-histórica”:

ensaio analítico a partir do diálogo entre museologia, arqueologia e crítica feminista

a união conjugal só teria surgido ao longo do Neolítico. Ao lado da mãe verdadeira ela teria colocado o pai verdadeiro (o pai atestado), dando origem à família monogâmica. Durante esse período, para garantir a fidelidade das mulheres e, portanto, a paternidade dos filhos, os homens teriam instaurado um novo sistema, o patriarcado, que teve como principal resultado a sujeição das mulheres e sua restrição ao lar (Patou-Mathis, 2022: 135).

Reconheço que a assertiva da autora está baseada em um campo de debate e com olhar para a “pré-história” da Europa, mas utilizo esse argumento para voltar à cena inicial desse texto, que projeta um casal heterocentrado para um cenário de mais de 3 milhões de anos.

Palavras finais

Quando comecei a pesquisar as “questões de gênero” na arqueologia e em seus processos de musealização, era recorrente que colegas me questionassem acerca da viabilidade desse empreendimento. Muitas vezes, uma pesquisa orientada por uma perspectiva feminista de compreensão das categorias sexo, gênero e sexualidade no passado, com base nas coisas arqueológicas, resultará muito mais na desconstrução de uma interpretação arqueológica androcêntrica, naturalizada a partir de uma pretensa objetividade científica, do que em uma resposta acerca das relações do passado. Ou seja, dizer que não podemos acessar determinados aspectos das relações entre as pessoas é mais profícuo do que projetar, de forma automática e pouco reflexiva, relações do presente para o passado, como já apontei em outros momentos (Moraes Wickers et al, 2018)

Quando pesquisas arqueológicas, instituições museológicas e materiais de divulgação, em sentido amplo, constroem narrativas impregnadas de silenciamentos e estereótipos sobre mulheres e outras minorias, acabam por sujeitá-las a uma violência epistêmica e simbólica, que pode também resultar em violência física. Afinal, o que é uma família? Quais arranjos familiares podem existir? Projetar uma determinada ideia de “família” no passado, utilizando argumentos pretensamente objetivos, não corresponde a uma prática científica. Que possamos, portanto, construir narrativas arqueológicas fundamentadas, plurais e comprometidas com a vida.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escritora - Loca, escritora y chicana. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, I.; LIMA COSTA, C.; LIMA, A. C. *A Tradução da Cultura. Perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 408-425. Publicado original em 1991.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia. A luta pela perseguição ao abandono*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, 2000.

CONKEY, Margaret W.; SPECTOR, Janet. D. Archaeology and the Study of Gender. *Advances in Archaeological Method and Theory*, n. 7, p. 1 -38, 1984.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

FURQUIM, Laura Pereira; JÁCOME, Camila Pereira. Teorias de gênero e feminismos na arqueologia brasileira: do dimorfismo sexual à primavera queer. *Revista Arqueologia Pública*, v. 13, n. 1 [22], p. 255–279, 2019.

HAYS-GILPIN, Kelley; WHITLEY, David S. Introduction: gendering the past. In: HAYS-GILPIN, Kelley; WHITLEY, David S. *Reader in Gender Archaeology*. London; New York: Routledge, 1998, p. 3-10.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LEAKEY, Mary. Tracks and tools. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 292, p. 95–102, 1981.

MASAO Fidelis T.; ICHUMBAK, Elgidius B.; CHERIN, Marco; BARILI, Angelo; BOSCHIAN, Giovanni; IURINO, Dawid; MENCONERO, Sofia; MOGGI-CECCHI Jacopo; MANZI, Giorgio. New footprints from Laetoli (Tanzania) provide evidence for marked body size variation in early hominins. *eLife*, 5e19568, p. 1-29, 2016.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MORAES WICHES, Camila A. Arqueologia, processos de musealização e representação no Brasil: enredos da colonialidade, fissuras e contranarrativas. *Brasília: Journal for Brazilian Studies, Dossiê “Archaeology & Brazilian Studies: Past and Present”*, v.9, p. 206 - 232, 2020.

MORAES WICHES, Camila A. de. Acerca da antropofagia das coisas arqueológicas: museus e instituições de guarda e pesquisa no século XXI. In: WITTMANN, Marcus A. S.; CAMPOS, Luana Cristina da Silva; ALVARENGA, Luis Vinicius S.; FREITAS, Aline Gonçalves. *Arqueologia no licenciamento ambiental: diagnósticos e perspectivas regionais*, ed. 1. São Paulo: Tiki Books: SAB, 2025, p. 331 - 358.

MORAES WICHES, Camila A. de. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v.7, p. 138-154, 2018.

MORAES WICHES, Camila A. de. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. *Revista de Arqueologia*, v.30, p. 35-50, 2017.

MORAES WICHES, Camila A. de. Por que eu nunca quis ser arqueóloga? Universidade Estadual de Campinas – RAFECT, 27 ago. 2025. Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br/por-que-eu-nunca-quis-ser-arqueologa/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MORAES WICHES, Camila A.; QUEIROZ, Luiz Antônio P.; FREITAS, Juliana; ALVES, Luciana Bozzo. Um olhar para as relações de gênero na produção das coisas de barro. *Habitus*, v.16, p.75 - 102, 2018.

“A tradicional família pré-histórica”:

ensaio analítico a partir do diálogo entre museologia, arqueologia e crítica feminista

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert R.; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n.º 5, p. 61 - 77, 2017.

OLIVEIRA, Marina Neiva de. As narrativas fílmicas sobre grupos do passado e a naturalização de estereótipos de raça e gênero em ações da educação patrimonial. *Revista Arqueologia Pública*, v. 16, n. 1, p. 229-247, 2021.

PATOU-MATHIS, Marylène. *O homem pré-histórico também é mulher: uma história da invisibilidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. Publicado originalmente em 2020.

PERAZZO, Marilia; CISNEIROS, Daniela. *Vamos falar sobre arqueologia?* Ilustrações de Jean Galvão. Recife: Ed. dos Autores, 2025.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.

RÚSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antonio A. (Org). *Produzindo o passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/ CONDEPHAAT/ Editora Brasiliense, p. 59-78, 1984.

VOSS, Barbara. Interview with Barbara Voss - Gender Issues. Entrevista realizada por MORAES WICHES, Camila A.; SCHAAN, Denise; SENE, Glaucia M.; MOURA, Marlene C. O.; VIANA, Sibeli A. *Habitus*, v. 16, p. 187-204, 2018.

WYLIE, Alison. Arqueologia e a crítica feminista da ciência. Entrevista com Alison Wylie. Por Kelly Koide, Mariana Toledo Ferreira & Marisol Marini. *Scientiæ studia*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 549-90, 2014.

XAVIER, Giovana. Fazer bater o coração das mulheres negras na pré-história. In: PATOU-MATHIS, Marylène. *O homem pré-histórico também é mulher: uma história da invisibilidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p. 9-12. Publicado originalmente em 2020.

Recebido em outubro de 2025

Aprovado em dezembro de 2025.